

Maria Luiza Germano de Souza  
Thiago Roney Lira Borges  
*Organizadores*

LITERATURA E CULTURA:  
ensaios críticos

LETRCAPITAL

*Conselho Editorial*  
*Série Letra Capital Acadêmica*

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)  
João Luiz Pereira Domingues (UFF)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

*Ao professor Wilton Barroso Filho  
(★25/09/1954 †13/05/2019), in memoriam,  
por ter nos mostrado que a epistemologia  
e o raio do romance é sempre a aventura da vida,  
a eterna dialética trágica sentida em nossas tripas*

Copyright © Maria Luiza Germano de Souza e Thiago Roney Lira Borges (orgs.), 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Luíz Guimarães

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Luíz Guimarães

REVISÃO José Benedito dos Santos,  
Ingrid Karina Morales Pinilla  
Lourdes de Fátima Moraes de Souza  
Maria Gabriella Flores Severo Fonseca  
Neila da Silva de Souza  
Sideny Pereira de Paula

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

L755

Literatura e Cultura: ensaios críticos / organização Maria Luiza Germano de Souza, Thiago Roney Lira Borges. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.  
236 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7785-704-3

1. Literatura - História e crítica. 2. Pós-colonialismo na literatura. I. Souza, Maria Luiza Germano de. II. Borges, Thiago Roney Lira.

19-60172

CDD: 809

CDU: 82.09

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA  
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781  
*letracapital@letracapital.com.br*

## Sumário

Apresentação.....	7
PARTE I - Literatura, colonialismo e estudos pós-coloniais.....	13
1. Surdismo <i>versus</i> Ouvintismo: práticas colonizadoras veladas pelos discursos.....	15
<i>Mary Andrea Xavier Lages</i>	
2. O Brasil e o racismo: o avesso do discurso na narrativa <i>Entre lembrar e esquecer</i> , de Mauro Paz.....	25
<i>Neila da Silva de Souza</i>	
3. O período do regime de exceção no Brasil como símile a um processo de re-colonização e sua manifestação na sociedade por meio da literatura.....	43
<i>Raimundo Nonato de França Fonseca</i>	
4. Aspectos do colonialismo na <i>Carta</i> , de Caminha, e no <i>Auto da Festa de São Lourenço</i> , de Anchieta.....	58
<i>Maria Gabriella Flores Severo Fonseca</i>	
5. Pode a mulher africana escrever? Lugar de fala na literatura contemporânea.....	71
<i>Delma Pacheco Sicsú</i>	
6. O mal-estar da clausura: pós-colonialismo, subalternidade e gênero em <i>Nervous conditions</i> , de Tsitsi Dangarembga.....	87
<i>Bernardo Ale Abinader</i>	
7. Colonialismo dos tempos do mundo: a luta cronotópica em <i>Cem anos de solidão</i> de García Márquez.....	101
<i>Thiago Roney Lira Borges</i>	
PARTE II - Estudos literários e crítica dialética.....	121
8. A literatura da decadência e a reificação do sujeito nos contos <i>Civilização</i> e <i>O ex-mágico da taberna minhota</i> .....	123
<i>Maria Luiza Germano Souza</i>	

9. Microcosmos y prejuicios sociales y raciales presentes en la obra la ciudad y los perros del escritor Mario Vargas Llosa....	140
<i>Rocio Del Carmen Celis Lozano</i>	
PARTE III - Literatura e desconstrução .....	157
10. Pensando a homoafetividade feminina indígena: uma reflexão à luz da epistemologia do romance.....	159
<i>Sideny Pereira de Paula</i>	
11. <i>Quanto custa o ferro?</i> : uma reflexão derridiana.....	173
<i>Annemeire Araújo de Lima</i>	
12. A desconstrução derridiana no <i>Quixote de La Mancha</i> .....	191
<i>Ingrid Karina Morales Pinilla</i>	
PARTE IV - Literatura e estudos de Mikhail Bakhtin.....	205
13. Aspectos sobre dialogismo na letra da música <i>Geni</i> e o <i>Zepelim</i> , de Chico Buarque e no conto <i>Bola de Sebo</i> , de Guy de Maupassant.....	207
<i>Márcio Azevedo da Silva</i>	
14. Os <i>blogs</i> como gêneros do discurso: um estudo em evolução.....	220
<i>Lourdes de Fátima Moraes de Sousa Saldanha</i>	
Autores.....	232

# Apresentação

Uma palavra é sempre uma constelação: em um determinado tempo, ela cintila com força um sentido; em outro, vê-se surgir um outro brilho intenso. Não foi diferente com a história da palavra cultura. Derivada do latim *colere*, a cultura carrega uma diversidade de sentidos: o “cultivo”, com origem na agricultura e o “culto”, na religião; passando ainda por “cultivo da mente”, como é de domínio público. Depois de toda história da chamada modernidade até hoje, com o capitalismo globalizado, tornou-se uma palavra com significado relacionado aos modos de vidas, ao fazer e ao saber de povos. Terry Eagleton, em *A ideia de cultura* (2011), assegura que “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”<sup>1</sup>. Portanto, em termos radicais, a cultura é sempre, como diz Fredric Jameson (1993), “uma ideia do Outro (mesmo quando a reassumo para mim mesmo)”<sup>2</sup>.

A literatura, por sua vez, enquanto uma miríade de milhares de sentidos cintilantes em um único tempo, isto é, indefinível por natureza, diz-nos, no entanto, que as possíveis definições sempre carregam a relação com o outro, no sentido mais pleno de alteridade. Talvez, por isso, Jacques Derrida (2014), procura comparar o princípio da democracia porvir com o da literatura: uma estranha instituição anti-instituição “que permite *dizer tudo*”<sup>3</sup>. Nesse sentido, o escritor argentino Juan José Saer (2012) parece ter captado um sentido genérico da literatura ao afirmar que “podemos definir a ficção, de um modo global, como uma *antropologia especulativa*”<sup>4</sup>.

Reside, portanto, na literatura e na cultura, considerando a importância abissal da linguagem nessas práticas, uma relação inextricável, complexa, necessária e urgente. Por meio da literatura, podemos pensar de uma maneira peculiar a cultura e a realidade. Esse pensar movimenta-se através dos sentidos e dos afetos, os quais dialogam com a razão de uma maneira forte e intempestiva, que ainda hoje, com a estética, procura-se estudar o funcionamento e as consequências da chamada *mimesis* – procedimento de origem do mecanismo de pensar da literatura. Um pensar com afeto e razão, um pensar com potência e intervenção. Nessa acepção, este livro configura-se como uma reunião de artigos e ensaios circunscritos à relação entre a literatura e a cultura, pensando temas e problemáticas caras à contemporaneidade, e, por isso, o título “Literatura e cultura: ensaios críticos”.

O livro está dividido em quatro partes, a saber: 1) Literatura, colonialismo e estudos pós-coloniais; 2) Estudos literários e crítica dialética; 3) Literatura e desconstrução; 4) Literatura e estudos de Mikhail Bakhtin.

A primeira inicia-se com o capítulo “Surdismo versus Ouvintismo: práticas colonizadoras veladas pelos discursos”, de Mary Andrea Xavier Lages, que analisa as problematizações existentes entre o discurso surdo e as práticas ouvintistas, procurando mostrar o ouvintismo como uma prática de poder colonial. A partir de autores como Michel Foucault e Carlos Skliar, Mary Lages evidencia a necessidade urgente de uma ressituação da surdez e dos surdos, tendo em vista diversas práticas ouvintistas, que insistem em se cristalizar e em resistir, pautadas em uma interação com outro surdo e com foco na “deficiência” e não na diferença da alteridade.

O segundo capítulo, “O Brasil e o racismo: o avesso do discurso na narrativa *Entre lembrar e esquecer*, de Mauro Paz”, de Neila da Silva de Souza, analisa a estreita relação entre o racismo persistente na sociedade brasileira e a nossa origem colonial a partir da obra de Mauro Paz, *Entre lembrar e esquecer*. Em uma época de crescente negacionismo generalizado, incluso sobre o racismo estrutural, a pertinência do estudo de Neila afirma-se ao desmitificar mais uma vez o mito da “democracia racial” com as relações estabelecidas entre a diegese do romance de Mauro Paz e os noticiários de importantes jornais publicados no Brasil, para mostrar o fundo político do racismo, fundamentando o argumento por meio de estudos pós-coloniais como os de Aníbal Quijano e os de Lilia Schwarcz.

O terceiro capítulo, “O período do regime de exceção no Brasil como símile a um processo de recolonização e sua manifestação na sociedade por meio da literatura”, de Raimundo Nonato de França Fonseca, investiga o processo de transformação social do capitalismo na periferia do mundo com a ditadura brasileira, como uma espécie de recolonização, a partir da poética de Thiago de Melo, em *Faz Escuro Mas Eu Canto*, amparado em teóricos como Karl Marx e Franz Fanon.

O quarto capítulo, “Aspectos do colonialismo na *Carta*, de Caminha, e no *Auto da Festa de São Lourenço*, de Anchieta”, de Maria Gabriella Flores Severo Fonseca, analisa dois importantes textos de caráter histórico-literários do Brasil, a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha e o *Auto da Festa de São Lourenço*, do padre José de Anchieta. A autora procura mostrar que o projeto colonizador, no índice de expropriação de terras, e o projeto de catequização dos índios funcionam como duas dimensões de um mesmo projeto colonial.

O quinto capítulo, “Pode a mulher africana escrever? Lugar de fala na literatura contemporânea”, de Delma Pacheco Sicsú, analisa o romance



*Niketche: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, na perspectiva do horizonte colonial contemporâneo, sobretudo, no que diz respeito ao gênero e à raça. Para tanto, são utilizados para fundamentação teórica autores como Linda Hutcheon, Achille Mbembe, Stuart Hall e Franz Fanon, com o propósito de pensar o *lugar de fala* de mulheres negras na literatura contemporânea.

O sexto capítulo, “O mal-estar da clausura: pós-colonialismo, subalternidade e gênero em *Nervous conditions*, de Tsitsi Dangarembga”, de Bernardo Ale Abinader, analisa o romance *Nervous conditions*, da escritora zimbabueana Tsitsi Dangarembga, no que concerne à perturbação gerada pelas condições nervosas das personagens femininas nas estruturas etnocêntricas e patriarcais, expondo as clausuras pós-colonial, subalterna e de gênero, por meio de pensadores como Jacques Derrida, Gayatri Spivak e Homi Bhabha.

Essa primeira parte é encerrada com o texto “Colonialismo dos tempos do mundo: a luta cronotópica em *Cem anos de solidão*, de García Márquez”, de Thiago Roney Lira Borges, no qual é investigado o “colonialismo dos tempos do mundo”, no que tange às imagens cronotópicas, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, em um dos romances mais expressivos da *nueva narrativa hispanoamericana*. Especificamente, analisa a luta entre o tempo linear-progressivo-colonial e o tempo cíclico e em espiral, a partir da pensadora Silvia Cusicanqui, na composição estética de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez.

A segunda parte, “Estudos literários e crítica dialética”, é composta por dois capítulos. O oitavo capítulo intitulado “A literatura da decadência e a reificação do sujeito nos contos *Civilização* e *O ex-mágico da taberna minhota*”, de Maria Luiza Germano Souza, analisa comparativamente a construção narrativa dos personagens principais sem ação vital nos contos *Civilização*, de Eça de Queiroz, e *O ex-mágico da taberna minhota*, de Murilo Rubião, a partir da perspectiva do realismo de Györg Lukács. A autora identifica nesses personagens a expressão do “homem como natureza morta”, sem uma “íntima poesia da vida”, para utilizar os termos de Lukács, enquanto resultado do período de decadência ideológica do capitalismo. O nono capítulo, “Microcosmos y prejuicios sociales y raciales presentes en la obra *la ciudad y los perros* del escritor Mario Vargas Llosa”, de Rocio Del Carmen Celis Lozano, analisa a obra *La ciudad y los perros*, do escritor Mario Vargas Llosa, com enfoque no espaço do “Colegio Militar Leoncio Prado” na qualidade de microcosmo da capital peruana, na perspectiva de verificar as estratificações sociais e raciais e seus prejuízos para as vítimas.

“Literatura e desconstrução” inicia-se pelo texto “Pensando a homoafetividade feminina indígena: uma reflexão à luz da epistemologia do romance”, de Sideny Pereira de Paula, que analisa as relações de homoafetividade feminina indígena a partir da obra *Antes o mundo não existia*, de Umusi Pãrõkumu e Tõrãm̄ Kehíri, por meio do aparato crítico da epistemologia do romance. Para tanto, recorre à teoria de Jacques Derrida, para pensar a complexidade das relações de gêneros enquanto problemática que estrutura a homoafetividade feminina, e ainda utiliza as reflexões de Judith Butler e Paul Preciado em relação à teoria *Queer*.

Em seguida, no décimo primeiro capítulo, “*Quanto custa o ferro?: uma reflexão derridiana*”, Annemeire Araújo de Lima investiga o texto dramático *Quanto custa o ferro?*, de Bertold Brecht, numa perspectiva literária, a partir do arcabouço teórico da desconstrução, de Jacques Derrida. O artigo propõe, nesse sentido, uma instigante “desmontagem” da peça brechtiana e mostra a atuação da lógica binária logocêntrica na constituição do sentido do texto dramático e, assim, o limite da dialética como método de busca da verdade, reconhecendo, ao fim, a necessidade de um pensamento aporético sobre o mundo.

A seção III é encerrada com o décimo segundo capítulo intitulado “A desconstrução derridiana no *Quixote de La Mancha*”. Ingrid Karina Morales Pinilla analisa o famoso romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, como uma obra de desconstrução dos romances de cavalaria, de acordo com a filosofia de Jacques Derrida. Para isso, identifica as inversões e deslocamentos nas ironias e nas paródias cervantinas em relação aos romances de cavalarias.

A quarta e última parte do livro, “Literatura e estudos de Mikhail Bakhtin”, é aberta pelo trabalho de Márcio Azevedo da Silva, cujo título é: “Aspectos sobre dialogismo na letra da música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque e que dialoga com o conto *Bola de Sebo*, de Guy de Maupassant”. Analisa-se, por meio do comparatismo, as semelhanças e as diferenças estéticas na letra da música de Chico Buarque, *Geni e o Zepelim*, e o conto de Guy de Maupassant, *Bola de Sebo*, com foco no dialogismo, na perspectiva de Mikhail Bakhtin.

Na sequência, no décimo quarto capítulo e último texto do livro, “Os *blogs* como gêneros do discurso: um estudo em evolução”, Lourdes de Fátima Moraes de Sousa Saldanha propõe um estudo linguístico dos *blogs*, em vista de pensá-los como um gênero de discurso peculiar, de acordo com o conceito Mikhail Bakhtin. Embora o texto de Lourdes Saldanha não tenha como objeto de estudo obras de literatura, justifica-se sua inclusão

neste livro não apenas por compor o grupo de textos de estudos bakhtinianos, mas também por discutir o suporte mais recente da literatura, os *blogs*. Desse modo, este estudo pode gerar reflexões outras da nova relação entre literatura e cultura depois do ciberespaço em nossas vidas.

## Os organizadores

### Notas

<sup>1</sup> EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco. 2. Ed.. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 54.

<sup>2</sup> JAMESON, Fredric. On “Cultural Studies”. *Social Text*, n. 34, 1993, p. 34.

<sup>3</sup> DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 49, grifo do autor.

<sup>4</sup> SAER, Juan José. O conceito de ficção. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, julho de 2012, p. 6, grifo do autor.



PARTE I

---

Literatura, colonialismo e  
estudos pós-coloniais



# 1.

## Surdismo *versus* Ouvintismo: práticas colonizadoras veladas pelos discursos

Mary Andrea Xavier Lages

Ao pensar em como começar a escrever sobre questões referentes ao surdismo e ao ouvintismo vem à mente um texto escrito por Leland Emerson McCleary intitulado “O Orgulho de Ser Surdo” publicado, em 2003, no qual se encontram algumas reflexões interessantes e importantes sobre “a crença que surdos norte-americanos têm na sua língua e na sua cultura”, em que o autor sugere uma explicação histórica e política para o orgulho que a comunidade surda norte-americana tem desses aspectos. O autor substitui o termo “crença” por *Deaf Pride* (orgulho de ser surdo). O pesquisador faz uma explanação sobre o que desencadeou esse processo de ser surdo e utilizar a língua de sinais como uma das marcas de sua identidade, sentindo orgulho por isso. Esse texto causou-me impacto e fez-me refletir a respeito do orgulho que os membros do movimento social surdo sentem.

McCleary (2003) discorrendo, historicamente, mostra-nos como os surdos norte-americanos aprenderam com outros grupos marginalizados a lutarem pela dignidade humana e pela garantia dos seus direitos como cidadãos. Para ele, alguns grupos como os negros, as mulheres, os hispânicos, dentre outros movimentos, serviram de referência para os surdos norte-americanos e contribuíram decisivamente para a sua transformação. Tal como refere neste trecho:

Todos são grupos que sofreram humilhações e injustiças por causa dos preconceitos institucionalizados da sociedade “padrão” dominante: branca, masculina, classe média, falante de inglês, heterossexual e ouvinte. Quando os surdos norte-americanos chegaram à consciência de afirmar seu “orgulho de ser surdo”, essa mesma trilha já tinha sido desbravada por outros grupos marginalizados. Os surdos puderam aprender com a história. (MCCLEARY, p. 4, 2003).

Ainda conforme o autor supracitado, “eles juntos sentiram a autoestima e a solidariedade e começaram a acreditar em si mesmos. Assim, por meio de muita luta, fizeram valer as garantias constitucionais e conseguiram novas leis que protegem seus direitos” (p. 5).